

Utopia, não futurismo

Por que fazer o impossível é a coisa mais racional que podemos fazer

Murray Bookchin

24/08/1978

Conteúdo

O que é o futurismo?	3
O que é ecologia?	5
O que não é ecologia?	6
Pensar humanamente	7
O que significa ser utópico?	7

Murray Bookchin foi um teórico político, filósofo e ativista. Desenvolveu a filosofia da ecologia social e a teoria política do municipalismo libertário, ou comunismo, que influenciou o crescente movimento "municipalista" em todo o mundo. Foi cofundador do Instituto de Ecologia Social, que ainda hoje está ativo. Bookchin morreu em 2006. A versão áudio completa deste discurso está disponível nas Coleções Especiais e Arquivos da Universidade de Massachusetts, em credo.library.umass.edu.

Em 24 de agosto de 1978, Murray Bookchin deu uma palestra na Toward Tomorrow Fair em Amherst, Massachusetts. Também falaram no encontro deste ano vários pensadores proeminentes, incluindo R. Buckminster Fuller e Ralph Nader. No seu discurso, Bookchin argumenta contra a ideologia do futurismo e a favor do utopismo ecológico. Na sessão de perguntas e respostas, salienta que não é contra a tecnologia em si, mas sim contra a tecnocracia, e descreve também, em pormenor, a sua visão política do futuro.

O discurso é surpreendentemente relevante no contexto atual: é como se tivesse previsto a ascensão da ideologia fascista e da ética do bote salva-vidas no século XXI, e parece uma refutação direta do futurismo tecnocrático de Elon Musk, tanto à direita como à esquerda.

Como o seu discurso é tão aplicável hoje em dia, decidimos republicá-lo aqui, tornando-o acessível a um público mais vasto. Foi transcrito e ligeiramente editado para garantir a fluidez, a brevidade e a gramática, e dividimo-lo em subsecções para facilitar a leitura. O texto é publicado com a permissão do The Bookchin Trust.

Esta manhã, às onze horas, tentei lhes explicar porque é que eu não era um ambientalista, mas sim um ecologista. E tentei lhes dar uma ideia, pelo menos do meu ponto de vista, do que significava a ecologia, distinguindo-a do ambientalismo. O que eu tentei dizer, fundamentalmente, é que o ambientalismo tenta remendar as coisas, aplicar *band-aids*, cosméticos, ao ambiente. De certa forma, agarra a natureza, a esbofeteia e diz: "Produza!". Ele tenta usar o solo, despeja químicos e, se ao menos não fossem venenosos, tudo seria ótimo. Já a ecologia acredita numa verdadeira harmonização da humanidade com a natureza. E essa harmonização da humanidade com a natureza depende fundamentalmente da harmonização dos seres humanos entre si. A atitude que temos tido em relação à natureza sempre dependeu da atitude que temos tido uns em relação aos outros. Não nos enganemos, não existe uma "natureza pura".

O fato é que não só não sou um ambientalista, como também tenho uma notícia muito boa: não sou um futurista. Não sou um futurista de nenhum modo. Sou um utópico. Quero ver esta palavra reavivada. Quero nos ver a usando. Quero nos ver pensando em utopia. Não pensando em futurismo. E é sobre estas questões que gostaria de falar, se me permitem.

O que é o futurismo?

O que é o futurismo? O futurismo é o presente tal como existe hoje, projetado, daqui a cem anos. É isso que é o futurismo. Se tivermos uma população de X bilhões de pessoas, como é que vamos ter comida, como é que vamos fazer isto... nada mudou. Tudo o que fazem é tornar tudo maior, ou mudar o tamanho - viveremos em edifícios de trinta andares, viveremos em edifícios de sessenta andares. Frank Lloyd Wright ia construir um edifício de escritórios com uma milha de altura. Isso era futurismo.

O fato é que, simplesmente, não acredito que tenhamos de prolongar o presente para o futuro. Temos de mudar o presente para que o futuro seja muito, muito diferente do que é hoje. Esta é uma noção muito importante a ser transmitida. Há muitas pessoas que andam por aí hoje e que parecem muito idealistas. E o que é que elas querem fazer? Querem que as corporações multinacionais se tornem corporações multicósmicas [risos da audiência] - literalmente!

Querem levá-las para o espaço, querem colonizar a Lua, mal podem esperar para ir a Júpiter, quanto mais a Marte. Estão todos muito ocupados, estão dando voltas, até têm cabelo comprido e até têm barba, e aparecem e dizem "Oh, mal posso esperar para entrar no meu primeiro passeio espacial!"- esse é o futuro.

Isto é considerado ecologia e não é ecologia. É futurismo! É o que a Exxon quer fazer. É o que o Chase Manhattan quer fazer. É o que todas as corporações querem fazer. Mas não é utopia, é puro futurismo. É o presente estendido para o futuro.

Uma sociedade de massas, e como é que nos mantemos em contacto uns com os outros? Nem sequer temos de olhar uns para os outros. Olhamos para as imagens de televisão. Eu aperto um botão, te vejo na imagem da televisão, você vai estar em Marte, até onde sei, e teremos uma conversa maravilhosa um com o outro, e diremos "Caramba! Temos uma tecnologia alternativa!". A questão é que não se trata de uma tecnologia libertadora. Posso conhecer pessoas no futuro durante anos e anos - jogar xadrez com elas, ter conversas intelectuais interessantes com elas - e nunca lhes tocar. Se é assim que o futuro vai ser, ainda bem que tenho cinquenta e sete anos e não me falta muito. Não quero ele. [Risadas da audiência]. Estou falando sério.

Agora gostaria de tocar em alguns nervos. Não acredito que a Terra seja uma nave espacial¹. Estou a pedir a vocês que pensem no que significa pensar na Terra como uma nave espacial. Não tem válvulas. Não tem todo o tipo de equipamento de radar para a guiar. Não é movida por foguetes. Não tem qualquer canalização. Nós podemos ter canalização. Mas não é "uma nave espacial". É um ser orgânico, vivo, em grande parte, pelo menos na sua superfície, construído com material inorgânico. Está em processo de crescimento e em processo de desenvolvimento. Não é "uma nave espacial".

Estamos começando a desenvolver uma linguagem que não tem nada a ver com a ecologia. Tem muito a ver com a eletrônica. Falamos de *input*. 'Dêem-me o seu *input*. Se liguem!' [risos] Bem, eu não me 'ligo', eu discuto [aplausos]. As máquinas se ligam. O radar é a linguagem que o produziu e os militares são a linguagem que produziu as palavras "*plug in*".

"Me dêem o seu *input*". Não é isso que eu quero. Não quero o seu *input*, quero vocês. Quero ouvir as suas palavras. Quero ouvir a sua linguagem. Não estou envolvido em "*feedback*" com vocês [risos], estou envolvido num diálogo, numa discussão. Não é o seu "*feedback*" que eu quero, quero a sua opinião. Quero saber o que pensam. Não quero ter um circuito ligado a mim onde posso obter o seu "*feedback*" e vocês podem obter a minha "*input*". [risos].

Por favor, estou a fazer aqui um apelo e, se pensam que estou a falar de linguagem, acho que estão enganados. Não estou falando de linguagem, estou falando de sensibilidade. Uma planta não tem "*input*" nem "*output*". Ela faz algo para o qual a eletrônica não tem absolutamente nenhuma linguagem - cresce! Cresce! [aplausos]. E deixem-me lhes dizer outra coisa, não só cresce, como faz mais do que mudar; desenvolve-se. Temos um grande problema com todas estas palavras que refletem uma forma de pensar, e é isso que me incomoda.

Essa é a sensibilidade do futurismo. Essa é a linguagem do futurismo, na qual as próprias pessoas são molecularizadas, depois atomizadas e, por fim, reduzidas a partículas subatômicas, e o que realmente temos em termos de ecossistema não é crescimento, nem desenvolvimento, o que temos é encanamento. Nós gastamos quilocalorias no ecossistema. E ligamos as válvulas aqui e desligamos as válvulas ali.

Agora, isso pode ser útil, não nego isso. Devemos saber como a energia se move em um ecossistema. Mas isso, por si só, não é um ecossistema. Estamos começando a aprender que as plantas têm vida própria e interagem umas com as outras. Que existem mecanismos sutis que não podemos realmente entender. Elas não podem ser reduzidas a energia, não podem ser reduzidas a quilocalorias, temos que olhar para elas de um ponto de vista diferente. Temos que vê-las como vida, diferenciadas dos não vivos, e mesmo essa distinção não é tão nítida e clara como muitas pessoas pensam.

Portanto, essa é a linguagem do futurismo e a linguagem da eletrônica, que reflete uma sensibilidade muito distinta, que me incomoda muito, muito mesmo. Não é utópica - e falarei disso mais tarde - é a linguagem da manipulação. É a linguagem da sociedade de massa. A maioria dos futuristas começa com a ideia: "você tem um shopping center, o que faz então? Bem, a primeira pergunta a ser feita é: "por que diabos você tem um shopping center?" [risos] Essa é a verdadeira pergunta que deve ser feita. Não é "e se" você tiver um shopping center, então o que você faz.

¹ "Nave espacial Terra" foi um termo popular que surgiu na década de 1960, que ficou famoso em um discurso de Adlai Stevenson na ONU e que foi usado com frequência pelo famoso inventor e pensador R. Buckminster Fuller. O termo surgiu da crescente consciência ecológica da época, quando foi usado para destacar a finitude de nossos recursos disponíveis e a necessidade de paz mundial. Bookchin pode ter feito um comentário direto sobre o uso do termo por Fuller, que provavelmente estava na sala naquele momento.

Lá fora, na grande e vasta distância, que as pessoas acham que deveríamos colonizar, indo em naves espaciais, ou de alguma forma nos relacionando com o universo distante e ouvindo as estrelas, mas ainda não começamos a ouvir nossos próprios sentimentos. Nem sequer começamos a ouvir nossa própria localidade. Este planeta está se arruinando, e as pessoas estão falando sobre meios de projetar plataformas espaciais lá fora, falando de uma aldeia global,² quando, para começar, não temos aldeias em nenhum lugar deste planeta. Não as temos. Não temos vilas, não temos comunidades, vivemos em um estado de atomização e esperamos nos comunicar eletronicamente uns com os outros por meio de vilas globais. Isso me incomoda porque pode ser uma boa física, pode ser uma boa mecânica, pode ser uma boa dinâmica, pode ser qualquer coisa que você queira, mas não é ecologia. Não é ecologia.

O que é ecologia?

O erro mais fundamental começa com a ideia de que as coisas mudam. Agora, você sabe, mudar pode significar algo ou nada. Se eu me afastar daqui e andar um metro e meio, eu "passei por uma mudança". Eu me afastei um metro e meio, mas não fiz nada no que me diz respeito, ou no que diz respeito a você. Não é com a "mudança" que estou preocupado. O que me preocupa é o desenvolvimento, o crescimento. Não me refiro ao crescimento no sentido comercial, mas ao crescimento da potencialidade humana, ao crescimento do espírito humano. Refiro-me ao crescimento do contato humano. Isso é ecológico. *Desenvolver* é o que é realmente ecológico. Mudar pode significar qualquer coisa. A questão é: qual é o fim para o qual você quer se desenvolver? Qual é o objetivo que você está tentando alcançar e, depois, se você se desenvolveu ou não até esse objetivo. Portanto, os meros *input*, *output* e *feedback*, o mero movimento, não significam nada - o verdadeiro problema é a discussão e o diálogo, o reconhecimento da personalidade, o crescimento e o desenvolvimento, que é o que interessa à biologia. Ela não se preocupa apenas com a mudança.

Por fim, é preciso deixar bem claro que se você acredita que a Terra é uma nave espacial, então você acredita que o mundo é um relógio. Você e Sir Isaac Newton concordam perfeitamente, o mundo é um relógio, assim como uma nave espacial é um monte de encanamentos com muitos foguetes, com muitos mostradores, com muitos pilotos e todo o resto. E se você ainda acredita que a beleza da mudança, hoje, é que você poderá se deslocar para todos os lugares em um helicóptero, que pegará seu domo geodésico,³ ou usará algum tipo de comunicação eletrônica para se relacionar com alguém que está a três mil milhas de distância, que você talvez nunca veja, então não estamos mudando nada, no sentido de desenvolvimento, estamos piorando as coisas, e piorando o tempo todo. E essa é uma questão que também me preocupa muito.

A ecologia - ecologia social - deve começar com o amor pelo lugar. Deve haver um lar. *Oikos* - ecologia doméstica - o estudo do lar. Se não tivermos um lar - e esse lar não for uma comunidade orgânica e rica -, se não conhecermos a terra em que vivemos, se não entendermos seu solo, se não entendermos as pessoas com quem vivemos, se não pudermos nos relacionar com elas, então, nesse ponto específico, estaremos realmente em uma nave espacial. Estamos realmente em um vazio.

A ecologia deve começar com uma compreensão muito profunda da interação entre as pessoas e a interação entre as pessoas e o ecossistema imediato em que vivemos. De onde você vem, o que você ama, qual é a terra que você ama. Não me refiro ao país ou ao Estado, estou falando da terra que você ocupa. Pode até ser uma vila, pode ser uma cidade, pode ser uma fazenda.

Mas, acima de tudo, sem essas raízes que o colocam na natureza, e em uma forma específica de natureza, é um engano falar sobre unidade cósmica, é um engano falar sobre naves espaciais, é um engano até mesmo falar sobre ecossistemas sem ter esse senso de unidade com seu local imediato, com seu solo, com sua comunidade, com seu lar. Sem essa comunidade e sem esse senso de lar, sem esse senso do orgânico - do orgânico e do desenvolvimento, em vez do mero inorgânico e da "mudança" em que você simplesmente muda de lugar - você não está mudando nada, os problemas são apenas ampliados ou diminuídos, mas continuam sendo os mesmos problemas.

² Bookchin está se referindo ao argumento de Marshall McLuhan de que a mídia de massa moderna nos permitiu viver em uma "aldeia global".

³ Outra crítica a R. Buckminster Fuller, que sempre promoveu o domo geodésico como um modelo de moradia do futuro.

O que não é ecologia?

É por essa razão que o futurismo hoje desempenha um papel cada vez mais reacionário, porque trabalha com o preconceito de que o que você tem é dado. É preciso presumir o que existe hoje, extrapolar para o futuro e fazer um jogo de números. E, então, você sai por aí e manipula logicamente aqui e ali, e implícita em tudo isso está a ideia de que vocês são coisas a serem manipuladas. Há todos os tipos de técnicos que vão decidir, por meio de seu conhecimento de eletrônica, de seu "know-how", de seu "feedback" e de sua "input", para onde você vai, o que você deve fazer: e isso está se tornando um problema muito sério hoje em dia, especialmente quando é confundido com ecologia, baseada no orgânico, no crescimento, no desenvolvimento como indivíduo, como comunidade e como lugar.

Finalmente, chega-se ao jogo de números mais sinistro de todos: quem deve viver e quem deve morrer. O "jogo da população". A aterrorizante ética do bote salva-vidas, na qual agora, em nome da ecologia, estão sendo propostas visões que são quase indistinguíveis do fascismo alemão.

Há pessoas que são obrigadas a se afogar e que vivem na Índia. Convenientemente, elas têm pele negra ou escura, e você pode identificá-las. E há aqueles que ocupam outro bote salva-vidas, que se chama América do Norte. E nesse bote salva-vidas, você tem que conservar o que tem, entende?

Você tem de estar preparado para desenvolver uma ética, tem de estar preparado para desenvolver a resistência para ver as pessoas morrerem. É claro que você se arrependerá, mas com recursos escassos e população crescente, o que você pode fazer? Em vez de tentar descobrir o que havia de errado com o navio que o fez afundar e em vez de tentar construir um navio que possibilite que todos nós compartilhemos o mundo, você entra em um bote salva-vidas, assim como entra em uma nave espacial e, nesse ponto específico, que se dane o mundo. E essa é uma ideologia muito sinistra.

Falo como alguém que vem da década de 30 e se lembra, de forma muito dramática, que havia a ecologia demográfica, se preferir, na Alemanha, não diferente de algumas das ecologias demográficas que tenho testemunhado hoje.⁴ Lembre-se bem de que as implicações de algumas dessas concepções são extremamente totalitárias, extremamente antiecológicas, extremamente inorgânicas e tendem, se tanto, a promover uma visão totalitária do futuro em que não há escala humana, em que não há controle humano.

Outra coisa que me incomoda muito é a enorme extensão em que a ecologia social ou os problemas ecológicos são reduzidos simplesmente a problemas tecnológicos. Isso é ridículo. É um absurdo. A fábrica é um local onde as pessoas são controladas, quer construam coletores solares ou não. Isso não faz diferença. [Aplausos] Lá existirão as mesmas relações que existem em qualquer outra circunstância de dominação. Se "lar" significa que as mulheres cuidam da louça e os homens saem e fazem o trabalho masculino, como fazer a guerra, limpar o planeta e reduzir a população, aonde chegamos? Nada mudou. Como será a aparência de uma "nave espacial" na Terra? O que ela será? Quem será o general que dará as ordens, quem será o navegador que decidirá em que direção a "nave espacial" irá?

Tenha em mente quais são as implicações dessas coisas. Se as pessoas moram em cidades com uma milha de altura, como é possível se conhecerem? Como você pode sentir a terra em que vive, quando a paisagem que você vê vai até um horizonte a vinte, trinta, quarenta milhas de distância? No topo do World Trade Center, não sinto nada por Nova York. Se eu fosse um produto comum e simples da Força Aérea dos Estados Unidos e recebesse uma ordem do World Trade Center, lá no alto, para bombardear Manhattan, olhando para baixo, eu não veria nada. Eu apertaria o botão e isso não teria sentido. A grande bomba, o grande clarão, a grande nuvem subiriam. Isso não teria nenhum significado para mim. Lá embaixo no chão, quando olho para o Empire State Building ou para o World Trade Center, sinto-me oprimido. Sinto que fui reduzido a uma formiga humilde. Começo a sentir a demanda por um ambiente que eu possa controlar. Que eu possa começar a entender. Mas quando vejo as plantas crescendo ao meu redor, quando vejo a vida existindo ao meu redor - vida humana, vida animal de todas as suas diferentes formas, flora - então posso me identificar. Esta é a minha terra.

⁴ Bookchin está se referindo a livros como *The Population Bomb* (A bomba populacional), de Paul e Anne Ehrlich, publicado em 1968.

Pensar humanamente

O que temos de fazer não é apenas "pensar pequeno", temos de pensar humano.⁵ Pequeno não é suficiente. O que conta é o que é humano, não apenas o que é pequeno. O que é belo são as pessoas, o que é belo são os ecossistemas e sua integridade nos quais vivemos. O que é belo é o solo que compartilhamos com o resto do mundo vivo. E, particularmente, aquele pedaço especial de solo no qual sentimos que temos algum grau de mordomia. Não é apenas o que é pequeno que é belo, é o que é ecológico que é belo, o que é humano que é belo.

O importante não é apenas que uma tecnologia seja adequada. Como já disse antes: a Comissão de Energia Atômica está absolutamente convencida de que as usinas nucleares são uma tecnologia apropriada para a Comissão de Energia Atômica. Os bombardeiros B1 são uma tecnologia muito apropriada para a Força Aérea.

O que me preocupa é, novamente, o que é libertário, o que é ecológico. Temos de trazer essas palavras carregadas de valor e temos de trazer esses conceitos carregados de valor para o nosso pensamento, ou então nos tornaremos meros físicos, lidando com matéria morta e lidando com as pessoas como se fossem meros objetos a serem manipulados, em naves espaciais, ou a serem conectados por meio de várias formas de dispositivos eletrônicos, ou sujeitos a jogos mundiais ou, finalmente, à deriva em uma jangada ou em um bote salva-vidas no qual eles expulsam qualquer um que ameace comer seus biscoitos ou que ameace beber sua água destilada - e isso se torna ecofascismo. Isso se torna ecofascismo, e fico horrorizado ao pensar que qualquer coisa ecológica - até mesmo a palavra "eco" - possa ser associada ao fascismo.

Antes de mais nada, precisamos voltar à tradição utópica, no sentido mais rico da palavra. Não para a tradição eletrônica, não para a tradição da NASA, não para a tradição de Sir Isaac Newton, na qual o mundo inteiro era uma máquina ou um relógio.

Você pode viajar por todo o país e não aprender nada, porque está levando consigo algo que é muito importante, que decidirá se você aprenderá ou não, e isso é: você mesmo. Mude-se para a Califórnia amanhã e, se ainda tiver os mesmos problemas psicológicos, espirituais e intelectuais, você estará suando em São Francisco da mesma forma que em Amherst ou Nova York. Essa é a coisa mais importante - recuperar você, começar a criar uma comunidade. E que tipo de comunidade a imaginação pode começar a criar.

O que significa ser utópico?

"Da imaginação ao poder", como disseram os estudantes franceses. "Seja realista, faça o impossível", porque se você não fizer o impossível, como eu já disse várias vezes, acabaremos com o impensável - e isso será a destruição do próprio planeta. Portanto, fazer o impossível é a coisa mais racional e prática que podemos fazer. E esse impossível é, tanto em nossa própria convicção quanto em nossa convicção compartilhada com nossos irmãos e irmãs, começar a tentar criar ou trabalhar em direção a uma noção bem distinta do que constitui uma sociedade finalmente liberta e ecológica. Uma noção utópica, não uma noção futurista.

Por fim, isso significa o seguinte: precisamos começar a desenvolver comunidades ecológicas. Não apenas uma sociedade ecológica - comunidades ecológicas, compostas por um número comparativamente pequeno de grupos, e belas comunidades espaçadas umas das outras, de modo que você possa quase caminhar até elas, e não apenas ter de entrar em um carro e viajar sessenta ou setenta quilômetros para chegar até elas. Isso significa que temos que reabrir a terra e reutilizá-la novamente para criar canteiros de hortas orgânicas e aprender a desenvolver uma nova agricultura na qual todos nós participaremos da horticultura.

Se você não fizer o impossível, acabaremos com o impensável - e isso será a destruição do próprio planeta.

⁵ Essa é uma referência ao livro extremamente popular, *Small is beautiful: A Study of Economics As If People Mattered*, de E. F. Schumacher, publicado em 1973.

Temos de procurar comunidades que possamos ter uma visão única, como disse Aristóteles há mais de 2200 anos - e ainda temos de aprender muito com os gregos, apesar de todas as suas deficiências como proprietários de escravos e patriarcas -, uma comunidade que possamos ter uma visão única, para que possamos nos conhecer. Não uma comunidade em que nos conhecemos uns aos outros, não em virtude de nos sentarmos e conversarmos por telefone, ou ouvirmos algum chefe falar por um microfone, ou ouvirmos algum chefe maior falar por uma tela de televisão. Isso tem de ser feito sentando-se em comunidades, nessas reuniões municipais e nessas estruturas que temos aqui nos Estados Unidos como parte do legado, pelo menos - o melhor legado dos Estados Unidos -, e começar a pensar em utopia no sentido mais amplo da palavra.

Também temos que desenvolver nossas próprias tecnologias. Não podemos deixar que outras pessoas simplesmente as construam para nós. Elas não podem ser transportadas sabe-se lá de onde para nós. Temos de saber como consertar nossas torneiras e criar nossos próprios coletivos. Temos de nos tornar seres humanos ricamente diversificados. Temos de ser capazes de fazer muitas coisas diferentes. Temos de ser cidadãos-agricultores e agricultores-cidadãos. Temos de recuperar o ideal que até mesmo Ben Franklin - que de forma alguma pode ser considerado, na minha opinião, algo um pouco mais do que um filisteu - acreditava no século 18: você pode imprimir e ler e, quando imprime, lê o que imprimiu. É isso que temos de trazer para nós mesmos. Temos de pensar não apenas em termos de mudança; temos de pensar em termos de crescimento. Temos de usar a linguagem da ecologia para que possamos nos tocar com a magia das palavras e nos comunicarmos uns com os outros, com a magia e a riqueza dos conceitos, não com frases de efeito que são realmente rápidas [estala os dedos] - "input", "output". "Diálogo" é mais longo, mas tem uma bela sonoridade. *Dia logos*, discurso entre dois, conversa entre dois. *Logos*-lógica, raciocínio criativo, dialético, e crescimento por meio da conversa, e crescimento por meio da comunicação. É isso que quero dizer com utopia. Temos de voltar a Fourier, que disse que a medida da opressão de uma sociedade poderia ser determinada pela maneira como ela trata suas mulheres. Não foi Marx quem disse isso, foi Charles Fourier... Temos de voltar à rica tradição da reunião da cidade da Nova Inglaterra, e tudo o que havia de saudável nela, recuperá-la e aprender um novo tipo de confederalismo.

Hoje, os verdadeiros movimentos do futuro, na medida em que são utópicos em suas perspectivas - na medida em que estão tentando criar não uma extensão do presente, mas tentando criar algo que seja realmente novo, que por si só possa resgatar a vida, o espírito humano, bem como a ecologia deste planeta - devem ser construídos em torno de uma nova e rica comunicação, não entre líder e liderado - mas entre aluno e professor, de modo que cada aluno possa eventualmente se tornar um professor, e não um ditador, um governante, um controlador e um manipulador.

E, acima de tudo, temos que pensar organicamente. Temos que pensar organicamente, não eletronicamente. Temos que pensar em termos de vida e biologia, não em termos de relógios e física. Temos de pensar em termos do que é humano, não do que é meramente pequeno ou grande, porque só isso será belo. Qualquer sociedade que busque criar uma utopia não será apenas uma sociedade livre, mas também precisa ser uma sociedade bela. Não pode mais haver nenhuma separação - mais do que entre mente e corpo - entre a arte e o desenvolvimento de uma sociedade livre. Devemos nos tornar artistas agora, não apenas ecologistas, utópicos. Não futuristas, não ambientalistas.

[Aplausos]

Murray Bookchin recebeu duas perguntas relevantes da plateia, que não foram ouvidas na gravação. O primeiro questionador perguntou se ele era contra a tecnologia.

Murray Bookchin: Não, isso não é verdade. Vejo um uso muito grande para a tecnologia. O que estou falando é de uma tecnocracia. Estou falando de um governo de técnicos. Estou falando do uso de vários tipos de dispositivos tecnológicos que são desumanos para as pessoas e desumanos em sua escala, e não podem ser controlados por pessoas. A beleza de uma tecnologia ecológica - uma ecotecnologia, ou uma tecnologia libertária, ou uma tecnologia alternativa - é que as pessoas podem entendê-la se estiverem dispostas a tentar dedicar algum grau de esforço para isso. É a simplicidade, sempre que possível, é a pequena escala, sempre que possível. É disso que estou falando. Não estou falando em voltar ao paleolítico, não estou falando em voltar para as cavernas. Não podemos voltar a isso e acho que não queremos voltar a isso.

Na próxima pergunta do público, Bookchin é solicitado a descrever de forma bem concreta sua visão política. Há risadas após a pergunta.

Vou ser muito duro com isso e ir direto ao ponto, e não apenas dizer a vocês que estou apresentando alguns princípios filosóficos vagos. Eu gostaria de ver comunidades, cooperativas de alimentos, grupos de afinidade, todos esses tipos de estruturas - reuniões urbanas desenvolvidas em todo os Estados Unidos. Gostaria de ver organizações de bairro, não hierárquicas em sua forma, desenvolvidas em todo os Estados Unidos, da cidade de Nova York a São Francisco, da zona rural de Vermont à zona urbana da Califórnia. Quando essas organizações específicas se desenvolverem rapidamente e se confederarem, a princípio regionalmente e, com sorte, nacionalmente e talvez até internacionalmente - porque não estamos mais falando apenas dos Estados Unidos, estamos falando até mesmo do que está acontecendo na União Soviética em grande parte -, espero que elas, de uma forma ou de outra, pelo exemplo e pela *educação*, conquistem a maioria das pessoas para essa sensibilidade. E, tendo feito isso, exijam que a sociedade seja mudada e, depois disso, teremos de enfrentar o que tivermos de enfrentar. A única alternativa que temos depois disso, se não fizermos isso, será a seguinte: seremos organizados em burocracias, burocracias em nome do progresso, bem como burocracias em nome da reação, bem como burocracias em nome do *status quo*. E se estivermos organizados na forma dessas burocracias, quer usemos energia solar ou gás de nervos, não faz diferença, acabaremos, em última análise, com a mesma coisa. Na verdade, a ideia de que a energia solar, a energia eólica ou o metano estão sendo usados em vez de combustíveis fósseis se tornará apenas uma desculpa para manter o mesmo sistema multinacional, corporativo e hierárquico que temos hoje.

Portanto, proponho que esses tipos de organizações e esses tipos de formas sociais sejam desenvolvidos em todo o país e, cada vez mais, espero que afetem a maioria da opinião, a ponto de o povo americano, de uma forma ou de outra, fazer com que suas vozes sejam ouvidas, porque eles são a maioria esmagadora e dizem que querem mudar a sociedade. E se os Estados Unidos mudarem, o mundo inteiro mudará, na minha opinião pessoal. Porque esse é o centro, literalmente a pedra fundamental do que eu chamaria de todo o sistema capitalista que hoje envolve o mundo, seja na China, em Cuba e na Rússia, ou nos Estados Unidos, no Canadá e na Europa Ocidental. Isso é, muito concretamente, o que proponho.

Gostaria de deixar isso bem claro: o povo americano começará a mudar inconscientemente, antes de mudar conscientemente. Você irá até eles e perguntará: o que você acha do trabalho? E eles dirão que é nobre. Você perguntará o que acha da propriedade? E eles dirão que é sagrada. E você perguntará a eles o que acham da maternidade, e eles dirão que é grandiosa, é piedosa. O que acha da religião e dirão que pertencem a ela e que são completamente devotadas a ela. Você perguntará a eles o que acham dos Estados Unidos, e eles dirão: ame-o ou deixe-o. Você perguntará o que acham da bandeira e eles dirão que é gloriosa, a Velha Glória.

Mas, um dia, algo vai acontecer. Um dia, o inconsciente, a expectativa, o sonho, a imaginação, a esperança com a qual você vai para a cama e se afunda nas horas crepusculares do sono, ou de manhã cedo, quando sonha acordado, logo depois que o despertador toca e você o desliga - essas expectativas e sonhos que estão enterrados na mente inconsciente de milhões e milhões de americanos vão se tornar conscientes. E quando eles se tornarem conscientes, que Deus ajude esta sociedade. [Aplausos do público] Estou falando muito sério.

Essa é a estranha catálise, o estranho processo de *educação*; hoje em dia, todos são esquizofrênicos, todos temos uma vida dupla e sabemos disso. E não somos apenas nós que estamos levando vidas duplas, as pessoas comuns - as chamadas "comuns" - também estão levando vidas duplas. E um dia, essa vida dupla se tornará uma vida única. Talvez seja para pior. Mas talvez seja para melhor. Nesse momento específico, talvez comece algo como maio, junho de 1968 em Paris. Em todos os lugares, você verá todos os tipos de bandeiras que não se parecem com as que estamos acostumados a ver. [Risadas da audiência] Talvez preta ou vermelha, não sei. Nesse momento específico, milhões de pessoas deixarão de trabalhar e começarão a discutir.

Então você terá aquela situação aterrorizante chamada governo da multidão. Mas isso acontecerá, e foi o que aconteceu aqui em 1776, eles acreditavam no rei até julho de 1776. Nesse meio tempo, eles estavam tendo dúvidas. Eles nem sabiam que não gostavam da monarquia. Mas um dia acordaram e disseram: que se dane o Rei George. Eles correram e escreveram a Declaração de Independência,

que foi lida para as tropas. Naquele momento específico, a Union Jack caiu e as estrelas e listras subiram. É assim que as pessoas realmente mudam. As pessoas mudam inconscientemente antes de mudar conscientemente. Elas começam a ter sonhos - os sonhos são perigosos. Os sonhos são peças de imaginação, são pedaços de poesia. Eles são os balões que voam na história.

Biblioteca Anarquista



Murray Bookchin

Utopia, não futurismo

Por que fazer o impossível é a coisa mais racional que podemos fazer

24/08/1978

<https://theanarchistlibrary.org/library/murray-bookchin-why-doing-the-impossible-is-the-most-rational>

bibliotecaanarquista.org